

Enid Blyton

AS GÊMEAS

Claudina
no Colégio
de Santa Clara

1. DE VOLTA AO COLÉGIO

A Patrícia e a Isabel O’Sullivan entraram na sala de aulas do quarto ano, no Colégio de Santa Clara, e olharam em volta.

– Uau! Já estamos no quarto ano! – exclamou a Patrícia.

– Pois é, parece que o primeiro ano foi há séculos! – concordou a irmã. – Lembras-te de quando entrámos para o colégio? Nessa altura, chamavam-nos «as gémeas convencidas», porque detestávamos Santa Clara e não queríamos cá ficar.

As gémeas recordavam-se bem do seu tempo de caloiras: a adaptação não fora fácil, mas, a pouco e pouco, a aversão que tinham pelo colégio transformara-se em orgulho e admiração. E agora ali estavam elas, prestes a começar o quarto ano!

– As alunas do primeiro ano são tão bebés, não são? Quando chegámos a Santa Clara, achávamo-nos muito crescidas, mas agora as mais novas parecem-me umas

miudinhas – comentou a Patrícia. – Vou adorar o quarto ano, e tu?

– Eu também – garantiu a Isabel. – Espero que fiquemos em Santa Clara até ao último ano. Nós e as nossas amigas, claro!

– Bem, algumas delas já se foram embora – lembrou a Patrícia. – A Penélope e a Célia, por exemplo. E a Lúcia Oriell também. Ela pensava ficar até ao sexto ano, mas acabou por ganhar aquela bolsa de estudo para a melhor escola de belas-artes do país. Não é de admirar, com o talento que tem!

– Fiquei contente por ela, mas vou ter saudades – confessou a Isabel. – Será que, neste período, entraram alunas novas para a nossa turma?

– De certeza! – afiançou a Patrícia, olhando em redor. – Esta é a melhor sala de aulas que tivemos até hoje, não é? A vista é espetacular!

A Patrícia tinha razão. Da janela, via-se a vastidão de campos verdejantes que rodeava Santa Clara, bem como os *courts* de ténis, os campos de jogos, a piscina, os jardins do colégio e a horta da cozinha, repleta de legumes fresquinhos.

– Eu fico com o lugar junto à janela! – decidiu a Patrícia. – Olha, aí vêm a Tó e a Joana!

A Antónia e a Joana entraram na sala com um sorriso rasgado. A Tó tinha uma cara sardenta e arrapazada, que combinava na perfeição com o seu feitio: era uma verdadeira maria-rapaz, muito divertida e cheia de artimanhas.

– Olá, gémeas! – cumprimentou a rapariga. – Vieram dar uma vista de olhos à nossa nova «casa»? É fantástica, não é?

– E que tal a nossa diretora de turma? – perguntou-lhe a Patrícia. – Ouvi dizer que é muito simpática...

– Sim, a professora Ellis é muito tranquila e distinta – informou a Tó. – Acho que vamos gostar dela.

– E tu, Joana, tens partidas novas? – quis saber a Isabel.

Todos os períodos, a Joana aparecia com uma catrefada de partidas, a maioria delas da autoria do irmão, que tinha fama de ser um terror.

– Esperem para ver – provocou a Joana. – Embora eu devesse portar-me melhor, agora que estou no quarto ano... As alunas mais velhas não podem andar a fazer disparates. Além disso, tenho de estudar para os exames finais, por isso não me vai sobrar muito tempo para partidas.

– Tu arranjas sempre tempo – brincou a Patrícia. – Sabem se há alunas novas?

– Duas ou três – respondeu a Tó. – Olá, Ilda! Que tal foram as férias?

A Ilda Wentworth vinha morena e muito sorridente – frequentava Santa Clara há mais tempo ainda do que as gémeas.

– As minhas férias foram maravilhosas! Andei a cavalo todos os dias e fartei-me de jogar ténis – contou a rapariga. – Olhem lá, alguém sabe quem é o «anjinho»?

– Qual «anjinho»? – perguntaram as outras.

– Ah, ainda não a viram? – espantou-se a Ilda. – É uma aluna chiquérrima que acabou de chegar, carregada com um malão de viagem novinho em folha, três raquetes de ténis e uma malinha de mão com iniciais em ouro. É muito bonita: tem cabelo louro de anjo, cara de fada e voz de princesa. Quanto apostam que a vossa prima Alice vai achá-la a oitava maravilha do mundo?

– Ena! Onde é que ela está? – perguntaram as colegas, curiosas. – Será da nossa turma?

– Está lá em baixo, no átrio – respondeu a Ilda. – Chegou no maior carro que já vi, com brasões nas portas e dois motoristas.

– Vamos vê-la! – propôs a Patrícia.

Saíram as cinco para o corredor e debruçaram-se sobre a balaustrada, para espreitar a recém-chegada.

A nova colega ainda se encontrava no átrio do colégio, e a Ilda não exagerara na descrição: parecia mesmo um anjo – se os anjos usassem uniforme e andassem com três fantásticas raquetes de ténis atrás!

– É encantadora, não é? – comentou a Tó, que, não sendo das alunas mais bonitas, admirava a beleza nas outras. – Tenho a certeza de que a Alice vai segui-la para todo o lado como se fosse um cachorrinho. Aquela rapariga só está contente quando tem alguém para idolatrar!

A Alice O’Sullivan apareceu naquele preciso momento. A prima das gémeas era uma rapariga bonita, mas uma cabecinha oca, como as colegas diziam.

– Olá! Estavam a falar de mim? – quis saber.

– Sim – confirmou a Ilda. – Estávamos a dizer que vais adorar aquela aluna angelical ali em baixo. Já alguma vez viste uma rapariga tão bonita?

A Alice debruçou-se também sobre a balaustrada e, tal como as colegas tinham previsto, ficou fascinada.

– Parece uma princesa saída de um conto de fadas! – exclamou. – Vou lá abaixo perguntar-lhe se quer uma visita guiada ao colégio.

As outras riram-se quando a viram descer as escadas a correr.

– Pronto, já está! – troçou a Patrícia. – A Alice arranjou um novo ídolo! Coitada, a quantidade de amigas «extraordinárias» que tem feito e perdido ao longo destes anos! Lembram-se daquela americana, a Sara? A minha prima passava a vida a dizer «a Sara diz isto...», «a Sara diz aquilo...». Nós até fizemos uma música, que a deixou furiosa.

– Pois foi. E quando estava no segundo ano achava a professora de Expressão Dramática fenomenal – acrescentou a Joana. – Já para não falar na adoração que teve no terceiro ano pela delegada das alunas. Não a largava! É impressionante: parece que faz de propósito para venerar gente que não lhe liga nenhuma!

– Aquela miúda é mesmo tontinha! – disse a Patrícia. – Olhem para ela, já vai de braço dado com o «anjinho»! Que lapa!

– Está ali outra aluna nova – apontou a Tó. – Parece meio perdida. A Alice podia levá-la também. Ei, Alice!

Mas, por aquela altura, a Alice já tinha desaparecido com o «anjinho» de cabelos louros, e as gémeas desciam para dar as boas-vindas à outra colega nova.

– Olá! Ainda não conheces o colégio, pois não? É melhor vires connosco ao gabinete da governanta – aconselhou a Isabel.

– Como é que te chamas? – perguntou a Patrícia, observando a rapariga, que tentava disfarçar o desconforto.

– Chamo-me Paula Bingham-Jones – respondeu a colega, num tom afetado. – Agradeço a vossa ajuda.

– Onde andarás a governanta? Ela costuma estar no átrio a receber as alunas novas... – estranhou a Ilda.

– Ainda não a vi – respondeu a Patrícia. – E, quando chegámos, ela também não estava aqui.

– Que estranho... – matutou a Isabel. – Bem, vamos andando. De qualquer maneira, temos de passar pelo gabinete dela.

Todas as alunas gostavam muito da governanta, embora se sentissem um tanto intimidadas na sua presença. A senhora trabalhava em Santa Clara há tantos anos, que chegara a conhecer as mães de algumas das raparigas quando elas próprias eram alunas do colégio.

Assim que chegaram, bateram à porta.

– Entre! – ouviu-se alguém dizer.

– Não é a voz da governanta! – notou a Patrícia.

Intrigada, abriu a porta e entrou no gabinete, seguida pelas colegas. A coser, junto à janela, estava uma mulher vestida com o uniforme de governanta. As

raparigas estacaram, embasbacadas – nunca a tinham visto!

– Aaaa... Estamos à procura da governanta – explicou a Patrícia.

– Eu assumi o cargo neste período – anunciou a senhora. – A antiga governanta adoeceu durante as férias, e eu vim substituí-la. Tenho a certeza de que nos vamos dar muito bem.

As raparigas não estavam tão certas disso: a governanta *delas* era gorducha, bem-disposta e tinha uma cara que inspirava confiança; esta era magra, sisuda e tinha uma expressão dura. Os lábios eram tão finos que a boca parecia uma linha reta e, embora sorrisse, o seu olhar era frio.

– Então é consigo que queremos falar – avançou a Tó. – A governanta costuma receber as alunas novas. A Paula é uma delas e precisa de lhe dar a lista das coisas que trouxe de casa: toalhas, roupas, etc.

– Eu sei disso, obrigada – retorquiu a governanta, cortando com os dentes a linha com que estava a coser. – Peçam a todas as alunas novas que venham ao meu gabinete, está bem? Quantas são?

As raparigas não faziam ideia e achavam que era responsabilidade dela saber isso. Estavam habituadas à antiga governanta, que, no primeiro dia de aulas, andava sempre atarefada de um lado para o outro a receber as alunas novas, apresentando-as às respetivas diretoras de turma e a algumas colegas para que as ajudassem a instalar-se.

– Bom, esta é a Paula Bingham-Jones – acabou por dizer a Patrícia. – E sabemos que chegou, pelo menos, outra aluna nova. A nossa prima Alice anda a mostrar-lhe o colégio.

Feitas as apresentações, as raparigas saíram do gabinete, deixando a Paula com a nova governanta. Assim que se viram sozinhas, olharam umas para as outras e torceram o nariz.

– Não gostei nada dela – confessou a Isabel. – Parece uma garrafa de vinagre!

As colegas riram-se com o comentário.

– Espero que a nossa querida governanta volte depressa – suspirou a Tó. – Santa Clara não é a mesma coisa sem ela. Onde é que a Alice e o «anjinho» se terão enfiado?

Foi falar no diabo e ele aparecer! A Alice aproximava-se naquele momento, de braço dado com o «anjinho», e trazia uma expressão radiante – era óbvio que já fizera uma amiga.

– Ah, Patrícia, Isabel, Tó, Ilda, esta é a ilustre Ângela Favorleigh – apresentou.

A «ilustre Ângela» cumprimentou-as com um ligeiro aceno de cabeça, como se estivesse a dirigir-se aos seus súbditos.

– Tive uma boneca chamada Ângela que era muito parecida contigo – disse a Tó, com um sorriso de orelha a orelha. – Espero que gostes de Santa Clara. Alice, leva-a à governanta.

– Onde é que está a governanta? – perguntou a Alice. – Tenho andado à procura dela.

– Este período temos uma substituta – informou a Tó.

– Aviso-te já que não vais gostar dela.

A ilustre Ângela Favorleigh olhava para a Tó como se ela fosse um inseto rastejante – não simpatizara nada com a colega.

– Bem, vamos então ter com a governanta – disse à Alice, na sua bonita voz. – Quero tirar as minhas coisas da mala.

Assim que elas se afastaram, a Ilda soltou uma gargalhada.

– Bem, já sabemos onde encontrar a Alice no resto do período: agarrada às saias da ilustríssima Ângela!

